

06-06-2022

Ô Josué, eu nunca vi tamanha desgraça...

Paulo Victor R. de A. Lira

[Sanitarista. Mestre em Saúde Pública]

Em memória de todos(as) que morreram com as “chuvas” de maio de 2022 em Pernambuco.

Na voz e nas alfaías de Chico Science e da Nação Zumbi o “diálogo” entre o cantor pernambucano e o também pernambucano Josué de Castro denuncia as mazelas da questão social em Recife ... “a quarta pior cidade do mundo”. Recife ocupava esta posição em cidade para se viver na época (1994) em que foi composta a canção Da Lama ao Caos, em que um de seus versos intitula essa coluna.

O movimento mangue *beat*, além de revolucionar a cena cultural brasileira, foi fundamental para denunciar as péssimas condições de vida e trabalho na “Veneza brasileira”. Na última semana, Recife, mais uma vez, entra no cenário nacional por conta das chuvas que devastaram casas, vidas, sonhos.

Mas, de quem são prioritariamente essas vidas, casas e sonhos? Não é estranho ao campo da Saúde do Trabalhador a compreensão de que a saúde é socialmente determinada; isso, é importante frisar, o que de forma alguma nos habilita a dizer que a história já está desenhada e não podemos intervir sobre ela. Pelo contrário, essa compreensão nos habilita a entender as relações sociais concretas e, de maneira organizada, intervir sobre elas.

Voltando à chuva, é bem verdade que ela é um fenômeno natural, mas seus efeitos em diferentes populações são sociais e estão bem definidos por uma estrutura de classe. Ora, quem são as pessoas mais afetadas por essas “tragédias”?

Trabalhadores e trabalhadoras, em sua maior parte negros e negras, que vivem nas periferias do Recife e região metropolitana, e que convivem com a “tragédia recifense” diariamente.

Para além das chuvas, o estado pernambucano já acumula, em 2022, os feitos de ser o segundo pior do Brasil em geração de empregos por carteira assinada, e de que famílias residentes na Região Metropolitana do Recife possuem a terceira menor renda do país, 40% abaixo da média nacional.

Quando se trata da população pernambucana, havia 1,1 milhão de pessoas em situação de extrema pobreza (dados do IBGE de 2020, segundo JC-Uol). Ainda segundo o estudo Desigualdade das Metrôpoles (PUC-RS com base nos dados da Pnad/IBGE), o valor per capita chega a míseros 104,46 reais por mês.

“Da lama ao caos, do caos a lama, um homem roubado nunca se engana”

O cenário caótico cantado por Chico Science parece se repetir “enquanto farsa”, porque evidencia o compromisso histórico das classes dominantes e de seus governantes com a manutenção da ordem em meio a toda desordem colocada à vida da classe trabalhadora, como em Marx (18 de Brumário): *“os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.”*

Se amargamos as derrotas cotidianas impostas pelas péssimas condições de vida, de trabalho, das vidas perdidas, dos sonhos derrubados, também nos cabe a construção de uma sociedade diferente, pautada nas lutas diárias por melhores condições de vida, de trabalho, mas não só restrita a eles, por uma nova sociedade, onde não haja exploração do ser humano pelo ser humano, pra gente, como disse Chico, sair da lama e enfrentar os urubus.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.